

Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita

Maria Cecilia Mollica
Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Introdução

Neste artigo, analiso algumas questões de inovações da língua portuguesa falada que penetram na escrita, partindo de quatro premissas relacionadas ao grau de estabilidade e mutabilidade dos fenômenos na díade fala/escrita: (1) estabilidade na fala/estabilidade na escrita; (2) mudança na fala/resistência na escrita; (3) estabilidade na fala/mudança na escrita; (4) mudança na fala/mudança na escrita. Das quatro possibilidades mencionadas, ilustro a relação postulada em (4), levando em conta as especificidades do fenômeno analisado. No trabalho, demonstro que as construções que apresentam maior simplificação configuracional são natural e primeiramente selecionadas e possuem significativo potencial para instalar-se na escrita. Vale lembrar que a lei de simplificação que impulsiona os sistemas convive com a força oposta da diversificação categorial, daí nos interessar a investigação da razão, do modo e do momento da implementação de formas lingüísticas inovadoras, assim como o conhecimento acerca da situação contextual que oferece as oportunidades para que as excepcionalidades se instalem na escrita provindas da fala originariamente

Volto-me portanto para as questões de inovações, no âmbito da escrita, partindo da premissa de que há razões na díade fala/escrita que explicam a migração de fenômenos variáveis de uma modalidade para a outra. Assumo a existência de um *continuum* entre as modalidades falada e escrita, segundo a compreensão de inúmeros pesquisadores voltados para a relação fala/escrita (cf. Biber 1988, Halliday 1989, Marcuschi 2000, Tannen 1982). Nesta medida, analiso o problema da implementação de processos inovadores na direção da fala para a escrita, dando continuidade às reflexões constantes em Mollica (2003), em estudo em que sustento a relevância do princípio da marcação como um candidato forte para subsidiar as bases explicativas da implementação de inovações na fala e na escrita. Busco assim oferecer subsídios para a construção de uma Teoria da Mudança na Escrita com base nos postulados do variacionismo (Labov 1994, 2001, Mollica & Braga 2004), lançados originalmente para o entendimento dos princípios da variação e da mudança lingüística na fala.

Cumpru esclarecer que, nos trabalhos mencionados, ficou demonstrado que estruturas mais marcadas, configuracionalmente ou através de estigmas sociais, representam um fator relevante de freio às mudanças na fala. Neste artigo, os resultados para dados de escrita reafirmam o efeito da marcação lingüística nos termos atestados para a fala.

2. Hipóteses

Reuno evidências com o fito de discutir as hipóteses sumariadas como se segue:

1. As estruturas que migram para a escrita, em geral, refletem a fala e/ou constituem simplificação e regularização paradigmática;
2. O grau de vulnerabilidade da escrita depende dos gêneros e dos tipos de textos projetados no *continuum* fala/escrita;
3. Há filtros normativos que podem impedir a exportação de marcas de fala para a escrita, no entanto apresentam grau razoável de falibilidade;

4. Estruturas que caracterizam mudança na fala e possivelmente na escrita encontram-se distribuídas num gradiente estilístico e ficam a depender de dispositivos externos à língua, ainda que reúnam condições estruturais favoráveis para se instalar também na escrita.

Assim, este artigo tem por objetivo constatar que certas construções vêm ocorrendo no português brasileiro escrito, em jornais de grande circulação e de veiculação menor, tanto na mídia impressa mais elitizada quanto na mídia mais popular sob condições específicas em cada caso. O estudo pretende oferecer elementos de sustentação de alguns princípios que apontem para a constituição de uma Teoria da Mudança na Escrita.

3. Fenômenos analisados

Os processos analisados ocorrem na fala do português atual e envolvem algumas questões relativas ao fenômeno de simplificações estruturais que se caracterizam pelo cancelamento de preposições em fronteiras de sentenças complexas. Examinamos mais especialmente as construções queístas e cortadoras.

O queísmo (cf. Mollica 1989, 1995) é entendido como a supressão de nexos prepositivos diante de conjunção integrante cuja subordinada pode ter mais de uma função em relação à matriz. Nos estudos referidos, ficou provado que o queísmo está presente na língua portuguesa praticamente desde os seus primórdios. Trata-se de operação natural do sistema seguindo a preferência à transitividade direta. Nos exemplos (1) e (2), a subordinada é completiva nominal. Nos exemplos (3), (4) e (5), a subordinada é uma oração objetiva indireta. As sentenças foram retiradas sem alteração de modo a não haver qualquer interferência na escrita dos jornalistas.

- (1) “Há rumores entre os consumidores **0 que** comer fora é mais econômico.” (JB, 26-04-04 – Cartas)
- (2) “Não resta dúvida **0 que** o senador José Sarney, presidente daquela Casa saiu-se, como Pilatos....” (JB, 19-03-04 – Cartas)
- (3) “... é a mesma coisa que querer nos convencer **0 que** moramos na Suíça.” (O Globo, 09-03-04 – Cartas)
- (4) “Aquele boa velhota me asseverou **0 que** lá pelas bandas do Sudão na África, existe um povo tribal.” (Povo, 04-11-03 – Crônicas)
- (5) “Badalam muito as estrelas do Campeonato Carioca, mas se esquecem **0 que** o Vasco também tem as suas.” (JB, 08-03-04 – Notícias/Reportagens)

As chamadas estruturas cortadoras (Mollica 1977, Tarallo 1983) apresentam também o cancelamento da preposição, porém diante do pronome relativo ‘que.’ A função do pronome varia de acordo com a relação interna dos elementos da cláusula relativa. Nos exemplos (6) e (7), o pronome é adjunto adverbial, enquanto em (8) é objeto indireto.

- (6) “Foi com ele, nos tempos **0 que** fui o seu secretário na diretoria da Mangueira, que pude aprender alguns ensinamentos.” (Povo, 20-04-04 – Crônicas)
- (7) “... é preciso diminuir o ritmo para poder ver a direção **0 que** está seguindo....” (Extra, 19-12-03 – Horóscopo)
- (8) “... o tempo **0 que** precisam para adquirir e manter seus modernos palácios não lhes permite desfrutar a brisa do mar.” (O Globo, 22-03-04 – Cartas)

4. Resultados

A análise dos dados baseou-se na Amostra de Produções Midiáticas de Jornais do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) (cf. Roncarati, Em preparação), sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A amostra se compõe de textos de diversas sessões dos seguintes jornais brasileiros da atualidade: ‘O Globo’, ‘Jornal do Brasil’, ‘Extra’ e ‘Povo.’ Os dois primeiros são voltados para um público de classe média e alta, enquanto os demais dirigem-se especialmente a um leitor de classe média baixa ou baixa. As diferentes partes dos jornais foram consideradas como gêneros discursivos distintos. Assim, a amostra reúne reportagens, crônicas, cartas escritas por leitores, editoriais e horóscopo.

Os pressupostos teóricos têm por base a Teoria da Variação. Utilizando metodologia variacionista, de base quantitativa, verificamos a relevância das variáveis ‘tipo de jornal’ e ‘gênero textual’ em função da presença e ausência dos fenômenos descritos anteriormente, a fim de confirmar as hipóteses lançadas neste estudo. Observem-se, primeiramente, resultados globais das construções queístas e cortadoras na escrita contemporânea de jornais no Brasil.

Cortadora	Queísmo
8/77 = 10%	42/171 = 25%

Tabela 1: Índice de cortadoras e queísmos em jornais brasileiros contemporâneos

Segundo a Tabela 1, estruturas queístas migram para a escrita com maior frequência, comparadas às cortadoras. É de se supor que a mesma realidade se verifica na fala, e a escrita simplesmente reflete os usos orais do português atual.

Com a finalidade de verificar o efeito dos parâmetros aqui examinados com relação à migração das estruturas para a mídia impressa de jornais, lançamos mão do pacote de programas Goldvarb. As variáveis testadas foram ‘tipo de jornal’ e ‘gênero discursivo.’ Para ‘tipo de jornal’, agrupamos os jornais em ‘mais populares’ e ‘menos populares’, levando-se em conta o fato de ‘O Globo’ e ‘Jornal do Brasil’ constituírem uma imprensa que busca atingir um público com perfil de classe média para cima e tem, por isso, a preocupação de apresentar textos com maior ajuste à norma de prestígio, mais distante da fala.

A pressuposição é a de que os jornais “populares” já mencionado estão dirigidos a leitores de menor escolarização, razão por que, em contrapartida, a preocupação com a norma seja menor, e os textos consequentemente sejam mais próximos da língua falada.

Fatores	Frequência	Peso Relativo
[+ Populares]	9/29 = 31%	.52
[- Populares]	33/142 = 23%	.49

Tabela 2: Correlação entre tipo de jornal e queísmo

Ao amalgamar os dados coletados do ‘Jornal do Brasil’ e ‘O Globo’, de um lado, e os do ‘Extra’ e ‘Povo’, por outro lado, obtivemos indicadores que apontam para maior ocorrência de queísmo em jornais mais populares, com 31% e peso relativo de 0.52. Ainda que a diferença não seja muito notável, verifica-se a inovação numa mídia de classe média e alta. Desta feita, pode-se inferir que a inovação queísta também se faz presente em jornais de público alvo menos popular (‘Jornal do Brasil’ e ‘O Globo’), nos quais supõe-se que os textos a serem publicados passem por um filtro normativo mais rigoroso comparativamente aos jornais considerados “populares.”

No que diz respeito à variável *gênero textual*, parte-se do princípio de que os gêneros mais próximos à língua oral favoreçam a presença de variantes inovadoras presentes na fala. Os números apontam para um efeito tênue dos gêneros textuais mais oralizados, como Cartas e Horóscopo, conforme se observam na Tabela 3.

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
[+ Oralizados]	25/105 = 23%	.45
[- Oralizados]	17/66 = 25%	.56

Tabela 3: Correlação entre gênero discursivo e queísmo

Ressalte-se que a amostra midiática em estudo não apresenta o gênero ‘cartas’ no jornal ‘Povo’ nem ‘crônicas’ no ‘Extra.’ Analisando os resultados, pode-se perceber que a ocorrência de 25% da variante queísta nos gêneros menos oralizados (Crônicas e Notícias/Reportagens) é maior do que 23% nos gêneros mais oralizados (Cartas e Horóscopo). Sabe-se, porém, que os jornais mais populares apresentam maior ocorrência de variantes queístas. Dessa forma, pode-se argumentar que o fato de os gêneros mais oralizados apresentarem menor ocorrência do fenômeno se justifica quando se verificam os resultados do cruzamento entre ‘tipos de jornal’ e ‘gêneros discursivos’: 87,6% do total de dados de gêneros mais oralizados estão contidos em jornais menos populares, enquanto nos gêneros menos oralizados encontram-se 75% dos dados. Constata-se, na verdade, que o fenômeno implementa-se em ambos os gêneros, tanto nos mais oralizados quanto nos menos oralizados, em proporções bastante semelhantes.

Examinem-se, por outro lado, os resultados para as estruturas cortadoras:

Fatores	Freqüência	Peso Relativo
[+ Populares]	4/16 = 25%	.84
[- Populares]	4/61 = 6%	.39

Tabela 4: Correlação entre tipo de jornal e cortadora

Tal como em queísmos, pôde-se novamente atestar a predominância de estruturas cortadoras em jornais voltados para o grande público, em relação às ocorrências em jornais de público mais seletivo, confirmando a hipótese de que estruturas de língua falada migram mais facilmente para textos cujo leitor é menos atento e preocupado à norma, portanto, menos exigente. Esses jornais considerados “populares” são mais, em geral, sensacionalistas, contêm poucos artigos de reflexão mais profunda sobre a conjuntura político-social, exibem sessões de mortos e desaparecidos, além de reportagens com tendência estilística facilmente percebida ao que normalmente denominamos “gosto popular.”

5. Conclusão

Neste artigo, atestei que estruturas e marcas de língua oral ingressam na escrita a depender de contextos específicos. Tanto as construções queístas quanto as cortadoras são observadas em textos midiáticos de jornais de grande e média circulação contemporaneamente, alguns dos quais incluídos na amostra de que lançamos mão na presente pesquisa. É menos provável a migração de inovações lingüísticas em editoriais, por exemplo, e mais esperado em cartas e horóscopo. A mudança na escrita tem “portas de entrada”, algumas delas aqui detectadas, ficando a questão a merecer investigação aprofundada, com vistas à construção das bases para uma Teoria da Mudança na Escrita.

As construções queístas e cortadoras parecem estar gradualmente aumentando na modalidade escrita do português brasileiro e ser percebida em textos midiáticos de jornal em decorrência de tendência semelhante observada no português oral contemporâneo. A operação de tal tendência se deve ao fato de que o cânone da língua no que diz respeito à regência é a transitividade direta. Eis um bom motivo pelo qual é razoável lançar a hipótese de que o falante, ao suprimir o nexos prepositivo,

processa uma simplificação estrutural na busca de padrões mais universais (cf. Mollica 1999), que pode se encaixar e se implementar segundo Gomes (2001) no Português Brasileiro.

Cabe assinalar que os dados analisados revelaram que as variantes queístas e cortadoras implementam-se com maior freqüência na escrita, tal como na fala, justamente quando o pronome relativo apresenta função de objeto indireto, ao mesmo tempo em que o queísmo incide mais em sentenças objetivas indiretas. Esses são os contextos mais favoráveis à simplificação estrutural de acordo com os autores supra mencionados e com as inovações analisadas por Pessoa (2001), constatadas no português durante o século XVIII.

Pode-se sugerir um princípio de que variantes inovadoras “preferem” textos, digamos, “mais vulneráveis” que, no *continuum* fala/escrita, carregam traços de oralidade em função de características de gênero discursivo e de nível de formalidade discursiva, assim como de tipo de veículo de informação. Constata-se pelo estudo, no entanto, que o tipo de jornal é fator mais relevante para o favorecimento da presença da oralidade na escrita. Os filtros normativos na mídia popular não atuam tanto de tal modo que acabam por agir na direção de permitir maior presença da fala na escrita, independentemente do gênero discursivo e do tipo textual.

Vale a ressalva, porém, de que os fenômenos estudados apresentam particularidades como já apontadas na análise. Eis um motivo para se apostar na importância de se investir em estudos semelhantes ao que foi desenvolvido, voltados para outros processos variáveis, com vistas à constituição de um painel mais claro quanto à correlação do comportamento sistemático do dinamismo da língua falada e escrita.

Referências bibliográficas

- Biber, Douglas. 1988. *Variation across speech and writing*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Gomes, Christina Abreu. 2001. Encaixamento lingüístico de processos sintáticos do português brasileiro. *Lusorama* 47-48.107-21.
- Halliday, M. A. K. 1989. *Spoken and written language*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Labov, William. 1994. *Principals of linguistic change, vol. 1: internal factors*. Malden, MA: Blackwell.
- Labov, William. 2001. *Principals of linguistic change, vol. 2: social factors*. Malden, MA: Blackwell.
- Marcuschi, Luiz Antônio. 2000. Língua falada e língua escrita no português brasileiro: distinções equivocadas e aspectos descuidados. O português brasileiro: pesquisas e projetos, ed. por Sybille Grosse e Klaus Zimmermann, 11-57. Frankfurt: TFM.
- Mollica, Maria Cecília. 1977. *Estudo das construções relativas em português*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro dissertação de mestrado.
- Mollica, Maria Cecília. 1989. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro tese de doutorado.
- Mollica, Maria Cecília. 1995. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- Mollica, Maria Cecília. 1999. Processos universais em modalidades do português. *Estudos de história da língua portuguesa*, ed. por Eberhard Gärtner, Christine Hundt, e Axel Schönberger, 269-79. Frankfurt: TFM.
- Mollica, Maria Cecília. 2003. Marcação e estabilidade na mudança lingüística. *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*, org. por Cláudia Roncarati e Jussara Abraçado, 213-18. Rio de Janeiro: Editora 7LETRAS.
- Mollica, Maria Cecília, e Maria Luiza Braga (orgs.) 2004. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*, 2a ed. São Paulo: Editora Contexto.
- Pessoa, Marlos de Barros. 2001. O século XVIII e a noção de simplificação lingüística. *Século XVIII: século das luzes – século de pombal*, ed. por Werner Thielemann, 203-10. Frankfurt: TFM.
- Roncarati, Cláudia (org.) *Em preparação. Amostra de jornais*.
- Tannen, Deborah (ed.) 1982. *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex.
- Tarallo, Fernando. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Philadelphia: University of Pennsylvania tese de doutorado.

Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium

edited by Timothy L. Face and Carol A. Klee

Cascadilla Proceedings Project Somerville, MA 2006

Copyright information

Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium
© 2006 Cascadilla Proceedings Project, Somerville, MA. All rights reserved

ISBN 1-57473-408-3 library binding

A copyright notice for each paper is located at the bottom of the first page of the paper.
Reprints for course packs can be authorized by Cascadilla Proceedings Project.

Ordering information

Orders for the library binding edition are handled by Cascadilla Press.
To place an order, go to www.lingref.com or contact:

Cascadilla Press, P.O. Box 440355, Somerville, MA 02144, USA
phone: 1-617-776-2370, fax: 1-617-776-2271, e-mail: sales@cascadilla.com

Web access and citation information

This entire proceedings can also be viewed on the web at www.lingref.com. Each paper has a unique document # which can be added to citations to facilitate access. The document # should not replace the full citation.

This paper can be cited as:

Mollica, Maria Cecilia. 2006. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Timothy L. Face and Carol A. Klee, 167-171. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

or:

Mollica, Maria Cecilia. 2006. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Timothy L. Face and Carol A. Klee, 167-171. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. www.lingref.com, document #1263.